

O QUE NÃO
TE CONTARAM
SOBRE O
MOVIMENTO
ANTIRRACISTA



O QUE NÃO
TE CONTARAM
SOBRE O
MOVIMENTO
ANTIRRACISTA

GEISIANE FREITAS

Cientista Social e Mestre em Sociologia pela UFPB

&

PATRÍCIA SILVA

Comunicóloga e Pós-Doutoranda em Sociologia pela UFRJ





APRESENTAÇÃO

É evidente, há décadas, que a pauta racial se tornou propriedade da esquerda¹ no Brasil. Seu domínio é tão pujante sobre a temática que muitas pessoas pensam que só é possível ser antirracista se for de esquerda; não há nada mais equivocado que isso.

Os conservadorismos inglês e americano – na figura de seus partidos políticos, Conservador e Republicano, respectivamente – demonstram preocupação em encaminhar soluções para o combate de uma das maiores pragas da atualidade: o racismo. Os noticiários mostram como os partidos Conservador²

1 Para fins desta obra, as autoras utilizarão os termos “esquerda” e “progressismo” como sinônimos, mesmo reconhecendo que o último é mais adequado que o primeiro.

2 “O Partido Conservador, ao qual Truss pertence, tem feito um esforço contínuo para ampliar a diversidade interna desde o início dos anos 2000. O movimento foi chefiado sobretudo por David Cameron, líder entre 2005 e 2016”, afirma a reportagem publicada em 06/09/22 na *Folha de S. Paulo*: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/09/liz-truss-forma-1o-gabinete-com-mulheres-e-negros-em-principais-cargos.shtml>.

e Republicano³ assumem posicionamentos antirracistas e uma postura pró-diversidade, admitindo que um problema existe e deve ser tratado com diligência e prudência. Isso não é surpresa alguma. Afinal, como já disse Russell Kirk em *A Política da Prudência*: “Os conservadores preocupam-se mais com coisas reais do que com as abstrações”. O racismo é um problema real; por isso, deve ser objeto de preocupação dos conservadores.

Por sua vez, o movimento conservador brasileiro contemporâneo⁴ parece destoar das posturas dos irmãos do hemisfério norte e tendem a tratar o racismo como inexistente ou até mesmo como “mimimi”, uma expressão pejorativa que objetiva desdenhar daqueles que são suas vítimas. Não precisa ser expert em ciência política para perceber que chamar de “mimimi” um problema real que atinge, em maior ou menor grau, 54% da população brasileira⁵ é uma estratégia néscia para aproximar o povo do pensamento conservador.

3 “Os candidatos republicanos à Câmara poderiam ajudar o partido a expandir o número de membros negros, hispânicos, asiáticos e femininos de sua bancada”, diz a reportagem publicada na *NBC News* (tradução nossa): <https://www.nbcnews.com/meet-the-press/meetthepressblog/republicans-look-expand-diversity-house-recruits-rcna54344>.

4 Para fins desta obra, estamos nos referindo ao movimento político brasileiro que emergiu, sobretudo, nos últimos anos; não à tradição conservadora enquanto epistemologia, filosofia etc.

5 Ver o artigo “Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra” no *Jornal da USP*: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>.

Na verdade, é correto dizer que o afastamento do conservadorismo dessa temática ajuda a reforçar o argumento progressista de que conservadores são elitistas e racistas. Muitos direitistas – conservadores, liberais e afins – justificam seu afastamento da temática em razão da observável histeria que o ativismo antirracista desenvolveu a partir dos anos 2010.

Os excessos cometidos pela militância contemporânea não autorizam que conservadores abandonem tal pauta. Se a pauta hoje se encontra em pleno domínio do progressismo, é justo apontar que a direita brasileira tem um quinhão de responsabilidade na esquizofrenia ideológica em que estamos inseridos por ter se mantido silente sobre o assunto durante décadas. Como diz Joel Rufino dos Santos em *O Que é Racismo* (1984), “esta tática de esconder conflitos, para diminuí-los, é tão brasileira quanto o peixe de coco (...)”.

Para dizer a verdade, a esquerda não é tão antirracista como afirma. A atual geração que, de alguma forma, está conectada com o mundo acadêmico não sabe, mas aqui vai uma informação: no início dos anos 2000, boa parte da esquerda era contra as cotas raciais nas universidades públicas. Sabe o Caetano Veloso? Ele assinou o manifesto contra cotas!⁶ Muniz Sodré (2023)

6 “Intelectuais lançam manifesto contra cotas”. *Simon's Site*: <https://www.schwartzman.org.br/sitesimon/intelectuais-lancam-manifesto-contras-cotas/>.

afirma o seguinte sobre a posição da esquerda no Brasil a respeito da pauta racial:

É que a sensibilidade social da esquerda histórica no Brasil sempre foi protegida por espaços urbanos e bibliotecas: enxergou nos livros o escravismo, mas desconsiderou a realidade do racismo persistente, porque ficou cega à forma social escravista, entretanto bastante visível ao olhar voltado para a proximidade do cotidiano e dos embates institucionais. (...) (p.229)

Nós entendemos que está na hora de vozes conservadoras entrarem nesse debate. O progressismo precisa deixar de ocupar o lugar de porta-voz solitário da negritude. É por isso que escrevemos este livro: para você conhecer o *mínimo sobre racismo e antirracismo*.

Veja: aqui, nós vamos falar *o que não te contaram sobre o movimento antirracista*, mas estamos confiantes de que você continuará seus estudos de modo a ampliar seus conhecimentos.

Neste livro, apresentamos cinco capítulos, a saber:

Racismo existe, tá ok? – Nosso objetivo aqui é mostrar, de forma bastante breve, que o racismo no Brasil existe. Apresentamos, ainda, uma conceituação de racismo.

Cadê a estrutura do racismo estrutural? – Passando as partes introdutórias, vamos apresentar nossas críticas a terminologias desenvolvidas

pelo ativismo antirracista contemporâneo. Aqui falaremos da estrutura do racismo estrutural.

Lugar de fala ou terreno de Schrödinger? – Se tem um conceito que não sai da boca do povo é “lugar de fala”. Aqui nós vamos aproveitar o nosso lugar de fala para desconstruir o conceito.

Apropriação cultural: cultura tem dono? – Outro conceito popular em que apresentaremos nossos modestos comentários.

O movimento negro contemporâneo: linchamento, sabotagem e racismo – Encerramos este livro apresentando um panorama geral do movimento negro na contemporaneidade e como ele se posiciona perante negros que, publicamente, não se associam com o progressismo.



RACISMO EXISTE, TÁ OK?

“Onde você guarda seu racismo?”

Esse foi o título de uma famosa pesquisa conduzida pela Fundação Perseu Abramo em 2003.¹ Segundo dados dessa pesquisa, 87% dos brasileiros afirmaram que há racismo no Brasil, mas apenas 4% admitem-se racistas.

Consegue perceber o problema? A maioria é capaz de identificar o racismo dos outros, não em si próprio. Essa pesquisa voltou a nossa mente após assistir a *Adivinhe Quem Vem para Jantar*.

Esse filme, disponível para alugar no YouTube, narra a história de amor entre John Prentice, um médico negro interpretado por Sidney Poitier, e Joanna Drayton, uma jovem branca de classe alta. Joanna informara os pais que se casaria com John – mas por telefone... Eles não sabiam que John era negro!

1 “Onde você guarda o seu racismo?” *Portal EMDiálogo*: <http://www.emdiálogo.uff.br/node/3144>.

John, ao chegar para o referido jantar, notando que os pais de Joanna estavam chocados por ele ser negro, conversa com eles em particular. Logo após, a mãe de Joanna diz o seguinte: “Ele tem razão! Joanna é exatamente como nós a criamos. Ensinamos que é errado os brancos se sentirem superiores aos negros, mas nunca lhe dissemos para não se apaixonar por um homem negro”.

Após essa cena, a lembrança da pesquisa “Onde você guarda seu racismo?” veio à mente. Perceba: os pais de Joanna a educaram para não ser racista. Mas então, sentem-se chocados e sem saber o que fazer ao deparar com um genro negro. É possível fazer um breve paralelo com o cenário das respostas da pesquisa citada, que pode ser sintetizada assim: **“No Brasil, quase todo o mundo é racista, menos eu”**. No caso dos pais de Joanna, a situação pode ser sintetizada mais ou menos assim: **“Nós não somos racistas, mas não tente ser nosso genro”**.

O filme é de 1967, mas o consideramos perfeito para mostrar a sutileza do racismo nas relações interpessoais. Percebemos a resistência de conservadores e liberais brasileiros no enfrentamento do racismo e na abordagem da pauta racial; é como se sujeitos alinhados à direita se recusassem a encarar uma situação real e importante. O fato é que racismo existe, tá ok? Nenhum país do mundo desconhece uma forma qualquer de racismo.

Para começar, vamos ao básico: apontar a origem e definir o que é racismo, preconceito racial e

discriminação racial. Segundo Francisco Bethencourt em seu livro *Racismos: das Cruzadas ao Século XX*: “(...) os termos ‘racista’ e ‘racismo’ foram criados recentemente, em finais do século XIX, início do século XX, para designar aqueles que promoviam a teoria racial combinada com a hierarquia de raças”.

Consultamos o verbete “racismo” na *Enciclopédia Jurídica da PUCSP* – escrito pelo professor Sílvio Luiz de Almeida – e encontramos uma definição bastante satisfatória. Veja:

O racismo é uma forma de discriminação que leva em conta a raça como fundamento de práticas que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Embora relacionado, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial. O preconceito racial é o juízo acerca de um determinado grupo racial baseado em estereótipos que pode ou não resultar em práticas discriminatórias nocivas. Nesse sentido, considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avaros ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados.²

2 Extraído da *Enciclopédia Jurídica da PUCSP*: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbeta/92/edicao-1/racismo>.

O preconceito e a discriminação dinamizam e operacionalizam o racismo, tornando-o, segundo o Ministério da Justiça:

(...) um fenômeno histórico cujo substrato ideológico preconiza a hierarquização dos grupos humanos com base na etnicidade. Diferenças culturais ou fenotípicas são utilizadas como justificações para atribuir desníveis intelectuais e morais a grupos humanos específicos.

Talvez seja pertinente outro exemplo para que você, leitor, consiga visualizar como o racismo é operacionalizado na sociedade brasileira. Para isso, nós, que somos professoras de formação, vamos puxar a brasa para nosso campo: a educação.

Marília Pinto de Carvalho – pesquisadora da Universidade de São Paulo, que se dedica há mais de duas décadas aos estudos sobre fracasso e sucesso escolar e suas relações com as dimensões de raça e gênero –, ao analisar o fenômeno do fracasso escolar entre meninos negros, faz um apontamento importante em “Quem são os meninos que fracassam na escola?": o olhar do professor pode contribuir com o insucesso escolar de muitos meninos:

Se considerarmos que a avaliação escolar utilizada neste caso é construída pelas próprias professoras, podemos supor tanto que elas tendem a perceber como negras as

crianças com fraco desempenho, com relativa independência de sua renda familiar, quanto que tendem a avaliar negativamente ou com maior rigor o desempenho de crianças percebidas como negras.

Ainda que seja imprudente generalizar, preconceitos explícitos estavam presentes nas falas de alguns professores entrevistados pela pesquisadora. Veja um exemplo:

A J. é pardinha, tem o cabelo ruim, hem [ri]. Esse menino aqui eu vou colocar PA, para você saber que é pardo. O J., a mãe dele é bem preta, retinta, mas ele é branco, fazer o quê? [ri]. A mãe dele é bem acentuada, o cabelo ruim mesmo, daqueles bem “bombril”; mas ele deve ter colocado branco. A L. também é branca. Esse L. eu classificaria como preto. Como dizia a minha bisavó – minha bisavó era dona de escravos, então na minha família o preconceito era muito forte. Pro meu pai, preto para ser bom tinha de ter alguma coisa de branco, pelo menos a alma. Você lembra disso?

No livro *Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil*, Eliane Cavalleiro, ao pesquisar sobre socialização de crianças na educação infantil, traz apontamentos semelhantes aos de Carvalho no que diz respeito à postura docente. As falas das professoras entrevistadas

pela pesquisadora evidenciam como o racismo integra a cultura escolar:

Eu chamo a criança e converso com ela. Falo: “Vem cá: ele não é igual a você? Ele não é um ser humano igual a você? Só que infelizmente ele é de uma raça e você é de outra. Só que vocês são crianças iguais. Vocês são seres humanos iguais. Vocês são filhos de Deus iguais”.

É que nem eu falo: [o negro] é um ser humano, ele não escolheu de que cor ele queria ser.

Na história há o patinho feio. A gente conta, aquele patinho feio é como se fosse o preto, e os outros eram mais bonitos. No fim, ele vira o cisne. Porque ele não era patinho, ele era cisne. É uma diferença também racial. Depois, ele ficou bonito, quer dizer que quando cresce ele pode ficar bonito. Porque às vezes a criança não nasce bonita, ela cresce, estuda, aí fica mais bonita.

Nas próprias histórias infantis existe aquela madrasta, a bruxa. Em relação a uma coisa má e a uma coisa boa. Então, a gente pode aproveitar a raça nesse sentido. Porque, às vezes, uma pessoa, por exemplo, é preta e tem a alma branca. As pessoas também são diferentes, podem ser negras [ou] da raça branca, mas todas são iguais. São feitas de carne e osso. Porque, às vezes, uma pessoa, por exemplo, é preta e tem a alma branca. E a branca pode ter a alma preta.

Analisando biografias de homens negros, bell hooks, conhecida teórica feminista e crítica cultural americana, em *A Gente é da Hora: Homens Negros e Masculinidade* (2022), também indica como os docentes tendem a criar estereótipos para meninos negros, gerando dificuldades de aprendizagem: “(...) ao compartilhar suas memórias escolares, Ellis Cose escreve que, quando olha para trás, percebe que crianças negras e pobres ‘eram consideradas essencialmente não ensináveis’”.

Os trechos apresentados anteriormente demonstram um cenário grave de reprodução de racismo dentro de um local que, para a criança, é sua segunda casa: a escola. Como é possível viver e aprender num ambiente em que os responsáveis reproduzem racismo?

Sim, racismo existe. Tá ok?



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE
TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2023